



MUSEU MUNICIPAL DE CORUCHE

newsletter

CORUCHE
MUSEU MUNICIPAL

Ano 16 . 2018 . N.º 7



Fragmento cerâmico com decoração impressa.
Casas Novas, Coruche. Foto: [VSG]

EDITORIAL

Neste Ano Europeu do Património Cultural congratulamo-nos pela apresentação de dois livros no Museu Municipal de Coruche. Ainda que com abordagens e fontes de trabalho bem diferentes, ambos vêm retratar e ilustrar vivências antigas que a investigação tão bem soube conduzir, somando mais conhecimento ao presente, um valor que consideramos pilar estratégico da nossa sociedade.

Assim, um mês após a apresentação do romance histórico “A inglesa e o marialva”, o auditório José Labaredas vai receber, no dia 17 de novembro, a apresentação da monografia “Casas Novas, numa curva do Sorraia”, um sítio do Neolítico antigo, estudado no âmbito do projeto Anzor e referenciado, desde 1999, aquando da primeira fase da Carta Arqueológica de Coruche.

Mantém-se visitável no Núcleo Tauromáquico de Coruche a nova exposição temporária, devendo as visitas ser agendadas a partir do Museu Municipal.

Coruche espera por si, com aroma a arroz doce e boas leituras...

NÚCLEO TAUROMÁQUICO DE CORUCHE

EXPOSIÇÃO TEMPORÁRIA | ANTÓNIO LUIZ LOPES: CAVALEIRO TAUROMÁQUICO

No passado dia 20 de outubro o auditório do Museu Municipal de Coruche foi pequeno para acolher as dezenas de pessoas, oriundas de vários pontos do país, que quiseram assistir à apresentação, por João Teles Branco, do mais recente livro de Clara Macedo Cabral, “A inglesa e o marialva: um amor na arena”. Uma história verídica passada nos anos sessenta do século XX, onde o inusitado acontece.

Atraída pela arte equestre, uma inglesa chega a Portugal com o sonho de aprender a tourear. Passa por Coruche e sem que o venha a saber torna-se o pretexto para que, 56 anos depois, se inaugure a exposição alusiva a “António Luiz Lopes: cavaleiro tauromáquico”, pai de Alberto, o marialva da história, e avô de Rafael Pena Monteiro. Neto que, por vontade sua, nos havia já confiado o depósito do respetivo acervo, bem como toda a informação recolhida e presente nesta exposição.



CASAS NOVAS, NUMA CURVA DO SORRAIA

O estudo de Casas Novas insere-se no projeto de investigação Anzor (Antropização do Vale do Sorraia), criado por Victor S. Gonçalves nos anos 80, tendo como objetivo o estudo das antigas sociedades camponesas no vale do Sorraia, Coruche. Em 2010 retomou-se o projeto (Anzor 2 – 2010-2015, Anzor 3 – 2017-2020), com aprovação pela tutela (Direção Geral do Património Cultural, Ministério da Cultura) e desenvolvido no âmbito da investigação do Grupo de Trabalho sobre as Antigas Sociedades Camponesas da Uniarq (Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa), financiado pela Câmara Municipal de Coruche.

O estudo das antigas sociedades camponesas inclui uma larga diacronia, desde o início do processo de neolitização da Península Ibérica, em meados do 6.º milénio antes da nossa era até aos finais do 3.º (5500 a 2000 antes da nossa era) e abrange o aparecimento das primeiras sociedades arqueometalúrgicas. É justamente no início do processo que se centra a principal fase de ocupação de Casas Novas, até agora o único sítio de Coruche onde foram detetados contextos arqueológicos do Neolítico antigo. O projeto Anzor 2 foi iniciado num sítio localizado na margem esquerda do Sorraia, junto a Azervadinha, numa área que conheceu profundas alterações geomorfológicas e antrópicas desde o final da última idade glaciária.

Em 2010 e 2011 foram realizadas duas campanhas de escavação numa área alargada (c. 332 m²), complementadas por um levantamento geofísico.

Os trabalhos de escavação e prospeção permitiram recuperar um importante acervo constituído por artefactos de pedra lascada, pedra afeiçãoada, pedra polida, recipientes cerâmicos, fragmentos de argila cozida e algumas amostras de carvão, sedimento e matéria-prima lítica, perfazendo cerca de 1600 registos classificáveis. Foram igualmente realizadas seis datações de Carbono 14 que permitiram confirmar o faseamento da ocupação do sítio. Para além do estudo tecnológico e tipológico do conjunto, o trabalho desenvolvido entre 2012 e 2018 envolveu outras análises interdisciplinares com colaboração de investigadores especializados: traceologia dos artefactos de pedra lascada (Juan Gibaja Bao, CSIC de Barcelona), petrografia e tecnologia cerâmica (Nuno Inácio, Uniarq), análise química de pasta branca usada em algumas decorações de cerâmica (Carlos Odriozola, Universidade de Sevilha) e estudo paleobotânico das impressões vegetais em argila (Hans-Peter Stika, Universidade de Hohenheim). Colaboraram ainda desenhadores especializados (Fernanda Sousa, Guida Casella, André Pereira, José Pedro Machado) e numerosos alunos de Arqueologia



Capa e contracapa do livro *Casas Novas, numa curva do Sorraia* (no 6.º milénio a.n.e. e a seguir). Fragmento cerâmico decorado com técnica *punto y raya*, p. 207. Foto [VSG]

Arqueologia (maioritariamente da Faculdade de Letras de Lisboa), que participaram nos trabalhos de campo e laboratório.

Depois de escavar, medir, contar e analisar, conhecemos hoje profundamente o sítio de Casas Novas e a sua importância para compreender as sociedades camponesas do Sorraia, da Península Ibérica e do Mediterrâneo Ocidental.

Os vestígios encontrados parecem indicar que em Casas Novas teria existido uma ocupação não permanente, com estruturas frágeis, mas com evidências concretas das primeiras práticas agrícolas, nomeadamente impressões de sementes de dois tipos de trigo e ainda cevada e elementos de moagem. A mobilidade está patente na presença de recursos exógenos, como o sílex, proveniente da Estremadura, ou a argila usada para as cerâmicas decoradas, recolhida a mais de 10km de distância.

A datação antiga, a presença de cerâmicas decoradas de tipo cardial (com impressão de concha de berbigão) e de decorações com a técnica de *punto y raya* (ponto e arrasto) e a indústria lítica de sílex parecem indicar que Casas Novas documenta uma das mais precoces presenças de comunidades “neolíticas” no atual território português, com influências do Mediterrâneo Ocidental (levante Espanhol e, possivelmente, Ligúria, Itália) e da Meseta espanhola.

No final, como acontece em investigação científica, o estudo de Casas Novas agora publicado responde a questões (quem, quando e como se viveu em Coruche no 6.º milénio a.n.e) e levanta outras tantas: a Arqueologia é uma disciplina sempre em construção.

Ficha técnica

Textos: Cristina Calais e Projeto Anzor

Grafismo: Helena Claro **Revisão:** Ana Paiva

Fotos: Marisa Gregório [MG] e Tânia Prates [TP] in Arquivo CMC, Victor S. Gonçalves [VSG]

Espaços públicos:

Centro de Documentação

Auditório

Cafetaria / Pátio

Salas de exposições

Núcleos temáticos

Horário:

Verão 10h30-13h / 14h30-18h

Inverno 9h30-13h / 14h30-17h

Aberto de 3.ª feira a domingo

Encerra às 2.ªs feiras e feriados

(exceto nos feriados 15 e 17 de agosto)

Contactos:

Rua Júlio Maria de Sousa

2100-192 Coruche

Tel.: 243 610 820 **Tim.:** 962 049 268

E-mail: museu.municipal@cm-coruche.pt

Página web: www.museu-coruche.org